



Chrys Chrystello*

Um Arquipélago Preenhe De Vozes (PARTE 3)

Onésimo de Almeida escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema. Nesses anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura, mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas 1. Citando J. Almeida Pavão (1988)

“[...] de **Onésimo de Almeida**, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o **Almeida Firmino** de **Narcose** ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de *As Ilhas Desconhecidas*. Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de *insularidade e açorianidade* três extratos diversos de idiossincrasias:

— um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;

— dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;

— e ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão.”

Mas muito antes do Onésimo, **Eduíno Borges Garcia** escreveu uma série de artigos sobre literatura açoriana, no semanário *A Ilha*, anos (19)50, e depois reunidos em opúsculo, no qual, e ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores a incluírem a vida concreta do povo e a deixarem-se de hortênsias e banalidades como festas do Santo Cristo,romeiros, etc. Queria que a literatura tendesse para o neorealismo, refletindo a sociedade real. Ao sair “*Raiz Comovida*” (Cristóvão de Aguiar), Borges Garcia, que nunca conheceu pessoalmente o autor, telefonou-lhe dizendo: “*Até que enfim que leio um escritor micalense que realizou o sonho que expendi no opúsculo Para uma Literatura Açoriana.*”

No 11º Colóquio da Lusofonia, Lagoa 2009, **Cristóvão de Aguiar** rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que “*faz parte da produção literária lusófona. O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa*”, afirmou à agência Lusa o escritor, na opinião do qual o conceito foi criado para que alguns escritores locais se pudessem destacar, já que não tinham lugar na literatura portuguesa. “*Açorianices, que rimam com tolices*”, diria Cristóvão.

Machado Pires sugeriu literatura de significação açoriana, discursando sobre o fenómeno descontínuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo

“... autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto” (p. 57). “Por isso, preferimos usar a expressão de *literatura de significação açoriana* quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incaterizante a designação de ‘açoriana.’” (p. 59).

Outros preferem o termo *matriz açoriana*. Há vários tipos de autores, os residentes no seio do arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros (como eu) que escrevem sobre os Açores (em português ou não). Falta destrinçar quais se podem incluir nessa designação açórica.

“*É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa*” acrescenta **Eduardo Bettencourt Pinto**, um angolano que se tornou escritor açoriano por escolha própria. **Pedro da Silveira** (Flores 1922-2003) foi perentório:

“Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana. (Silveira, 1977: 11). O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como **ser** moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e

comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina (*Açores*, Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel Iniciativas Editoriais 1977)”.

Paulatinamente, os escritores foram encontrando o seu espaço, não havendo minguagem de qualidade nem quantidade, na maior parte dos casos, sem projeção além das ilhas, com exceções contemporâneas. Hoje, é questão de aceite e arrumada para a maioria. Eu ainda sou um recém-chegado a estas ilhas, com menos de vinte anos de aprendizagem, mas tive a honra e o privilégio de aprender as idiossincrasias (inicialmente, micalenses e picoenses) quando traduzi obras açorianas, para Inglês, de Daniel de Sá, de Manuel Serpa, Victor Rui Doreis e outros. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald 2, “*A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte*”. A tradução do livro de Manuel Serpa *Da pedra se fez vinho* foi um exercício inesquecível em que, apesar da ajuda de vários picarotos houve ocasiões em que as explicações à guisa de glossário se sobrepujaram, aumentando as profusas notas de tradutor. Para um leitor doutras paragens, o texto seria incompreensível, era imperiosa uma intertradução, do falar picoense para o falar continental, antes de ser vertido num inglês pouco shakespeariano. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que a língua continental lhes apõe nos dicionários. Tratou-se, nalguns casos, de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. Muitas vezes um livro dum autor sofre drasticamente quando, em vez de ser considerada como obra, é erigida ao estatuto regionalista, que não pretendeu. Podem deduzir-se da leitura destes autores, algumas características relevantes para a açorianidade de:

1. O modo como o clima inculca um caráter de torpor e vagar onde a pressa é amiga da morte;
2. O modo como a História define os habitantes ainda quase tão apartados da metrópole como há séculos atrás;
3. A forma como se recortam os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a revolução dos cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. O modo como a proximidade da terra se manifesta de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo 3.

Notas de Rodapé:

1. Em 1975, Vitorino Nemésio deixou-se utilizar pela independentista *Frente de Libertação dos Açores* (FLA), como candidato a Presidente da futura República e contra a vontade da maioria, os separatistas insistiram em usar a literatura como símbolo da identidade nacional.

2. “Translation, like writing, is both art and craft, with a touch of alchemy. When translator and author actually get to meet, the result can be inspired. Nuance is what translates language into art.” Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor. She has received accolades for her playwriting, acting and writing. Her play *Goodnight Desdemona* (Good Morning Juliet) won the Governor General’s Award for Drama, the Chalmers Award for Outstanding Play and the Canadian Authors’ Association Award for Drama. She won a Gemini Award for her role in the film *Where the Spirit Lives* and was nominated for a *Genie* for her role in *I’ve Heard the Mermaids Singing*. Her first novel, *Fall On Your Knees*, was published in 1995 to much critical acclaim in Canada and abroad.

3. In *Crónica Açores*, uma circum-navegação.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists’ Association MEAA)